



O ecossocialismo de Karl Marx: um debate preliminar a partir da leitura de Kohei Saito

Karl Marx's ecosocialism: a preliminary debate from the reading of Kohei Saito

CASTRO, Wiliam Miranda¹; COUTINHO, Célio Ribeiro²; SILVA, Antônio Valricélio Linhares³, ALENCAR, Benedito Montenegro⁴, MARQUES, Mikael Bezerra⁵

¹Universidade Estadual do Ceará, Faculdade de Educação de Itapipoca, e-mail: wiliam.castro@aluno.uece.br ; ²Universidade Estadual do Ceará, Faculdade de Educação de Itapipoca, e-mail: celio.coutinho@uece.br ; ³Instituto Federal do Ceará, e-mail: valricelio.linhares@ifce.edu.br ; ⁴Faculdade de Educação de Itapipoca/FACEDI, Universidade Estadual do Ceará/UECE, e-mail: benedito.alencar@uece.br ; ⁵Universidade Estadual do Ceará, Faculdade de Educação de Itapipoca, e-mail: mikael.marques@aluno.uece.br

RESUMO EXPANDIDO TÉCNICO CIENTÍFICO

Eixo Temático: construção do Conhecimento Agroecológico.

Resumo: Este trabalho busca compreender a ruptura metabólica a partir das obras de Karl Marx e Kohei Saito, daí mostramos como isso afeta diretamente a natureza e a sociedade. O trabalho foi feito a partir da pesquisa bibliográfica, sobretudo desses dois autores. Analisar a ruptura metabólica significa compreender as mudanças na relação entre seres humanos e natureza e entre seres humanos, de forma articulada, no âmbito do capitalismo, ou seja, como essas relações estão diretamente ligadas ao trabalho humano e a terra. A interação entre seres humanos e natureza sofreu alterações com o advento do capitalismo, ou seja, essa ruptura metabólica é caracterizada pela alienação da natureza e por uma relação distorcida entre humanos e natureza no âmbito desse modo de produção capitalista. Para superar essa ruptura metabólica no capitalismo, Saito, interpretando Marx, apresenta como possibilidade de superação a organização de um sistema na perspectiva do ecossocialismo.

Palavras-chaves: ruptura metabólica; marxismo.

Introdução

Este trabalho é resultado dos esforços de estudo realizados no projeto de extensão “educação do campo, agroecologia e terra - Educaterra”, vinculado ao laboratório universitário de educação popular, trabalho e movimentos sociais (Lutemos), Faculdade de Educação de Itapipoca, Universidade Estadual do Ceará.

Uma grande revolução, entre 14 mil e 8 mil anos atrás, aconteceu, quando os seres humanos deixam de ser nômades e passam a se fixarem em um determinado lugar. Em seguida, começaram a desenvolver técnicas para produzir os alimentos a partir da exploração da terra. O que hoje nós conhecemos como agricultura é consequência das mudanças culturais dos povos ao longo dos séculos, o que fez com que este modo de produzir a subsistência também fosse mudando até chegarmos ao atual modo de produção capitalista. O capitalismo impulsionou as tecnologias que eram até antes inimagináveis e isso provocou um salto de qualidade e produtividade na agricultura, mas isso também gerou muitos problemas sérios principalmente relacionados com a questão ambiental. (VIANA, 2016)



Um dos livros mais lidos até hoje e que explica o funcionamento do capitalismo é o *Capital* de Karl Marx. Marx analisa o sistema capitalista como um todo e a questão da natureza é contemplada nessa análise, embora muitos autores divulgassem que Marx não deu muita importância à questão da natureza e a sua preservação. Por outro lado, um autor que fez uma análise muito competente sobre toda a obra de Marx foi Saito, que analisa não só as obras clássicas como também os manuscritos e mostra que desde o começo Marx se preocupa com a questão ambiental.

No modo de produção capitalista a terra é muito exigida para se obter o máximo de produtividade e isso vai ocasionar problemas não só da terra, mas para os recursos naturais do planeta como um todo, afinal os recursos naturais são limitados. A partir das análises de Marx e de Saito sobre a obra de Marx buscaremos responder a seguinte pergunta de pesquisa: Como ocorre a ruptura do metabolismo socioecológico (na relação entre os seres humanos e a natureza) no âmbito do modo de produção capitalista?

A intenção dessa pesquisa é mostrar o poder destrutivo do capitalismo sobre a sociedade e a natureza, ou seja, o objetivo geral deste trabalho é analisar o processo de ruptura do metabolismo socioecológico, na perspectiva da emancipação humana e da agroecologia. Mostrar como a terra e os seres humanos estão sendo explorados no capitalismo. Esse trabalho é de suma importância para desmistificar a impressão de que Marx ignorou a questão ecológica e para a análise como se dá as relações entre homens e a natureza, e mostrar como seria a forma para nós superarmos esse sistema e suas formas de agressão à natureza. Minha experiência pessoal, marcadamente camponesa, foi de suma importância para conhecer e, a partir da universidade, compreender essa questão e a preocupação pouco conhecida que tinha Marx sobre a natureza.

Metodologia

O método de pesquisa utilizado foi o materialismo histórico-dialético. De acordo com Alves (2010) esse método é construído por um conjunto de doutrinas filosóficas

[...] que, ao rejeitar a existência de um princípio espiritual, liga toda a realidade à matéria e às suas modificações. É uma tese do marxismo, segundo a qual o modo de produção da vida material condiciona o conjunto da vida social, política e espiritual. É um método de compreensão e análise da história, das lutas e das evoluções econômicas e políticas. (ALVES, 2010, p. 3).

A pesquisa é do tipo bibliográfica e conforme Nogueira (2016, p. 153) é definida como uma investigação “desde sua origem nas coleções de livros reunidas e descritas pelos primeiros impressores e bibliófilos, pautou-se pelo seu caráter instrumental, como método de organização da informação através de catálogos bibliográficos e documentais.” O material bibliográfico central para esse estudo envolveu as obras de *O Capital: a crítica da economia política*, Marx (1867), e *O*



ecossocialismo de Karl Marx: capitalismo, natureza e a crítica inacabada à economia política, Saito (2021).

Resultados e discussões

Inicialmente trataremos do significado do conceito de ruptura metabólica na obra de Marx (2011), pois segundo ele é esse conceito que merece explicação:

Não é a *unidade* do ser humano vivo e ativo com as condições naturais, inorgânicas, da sua interação metabólica com a natureza e, em consequência, a sua apropriação da natureza que precisa de explicação ou é resultado de um processo histórico, mas a *separação* entre essas condições inorgânicas da existência humana e essa existência ativa, uma separação que só está posta por completo na relação entre trabalho assalariado e capital. (MARX, 2011, p. 401).

A palavra ruptura em Marx (2011) é usada no sentido de romper, mas romper com o que afinal? Rompimento na relação metabólica entre seres humanos e a natureza, ou, entre a sociedade e o ambiente sob a lógica do capitalismo.

Essa ruptura metabólica do ser humano com a terra, a partir da revolução industrial, proporcionou uma separação entre a cidade e o campo e as pessoas foram se transformando de camponeses para operários para atender a demanda da indústria na cidade. Para Moura (Moura, 2021, p. 667) a “ruptura metabólica e a subsunção real do trabalho à indústria geraram, geração após geração, um profundo processo de alienação do ser humano para com a natureza”.

As pessoas que ficaram no campo também sofreram mudanças nas suas relações de produção, que antes eram relações de base comunitária e foram substituídas por relações de trabalho assalariado. Isso vai acontecer justamente a partir do momento em que novas tecnologias para o campo são impulsionadas com a revolução industrial. Essa revolução em meados do século XIX

Que inicialmente promoveu grande produção de bens de consumo, também passou a produzir bens de produção, inclusive para a agricultura. Uma série de equipamentos ligados à tração animal pesada e, posteriormente, a sistemas a vapor, intensificou o sistema agrário sem pousio, dando início a uma nova etapa na agricultura. A modernização dos meios de transportes, com navios a vapor e ferrovias, igualmente proporcionou mudanças estruturais, criando, pela primeira vez, um consistente intercâmbio global de fertilizantes. (MOURA, 2021, p. 662).

Para aumentar a produção na agricultura os grandes produtores usam insumos químicos, que provocam a degradação das terras ao longo dos tempos. Já os pequenos proprietários comprometem a fertilidade da terra, porque as áreas produtivas são muito reduzidas, o que obriga a adoção de práticas agrícolas intensivas no solo.



E todo o progresso da agricultura capitalista é um progresso na arte de saquear não só o trabalhador, mas também o solo, [...] Quanto mais um país, [...] tem na grande indústria o ponto de partida de seu desenvolvimento, tanto mais rápido se mostra esse processo de destruição. Por isso, a produção capitalista, portanto, só desenvolve a técnica e a combinação do processo social de produção, exaurindo as fontes originais de toda a riqueza: a terra e o trabalhador. (MARX, 2017, p. 573-574).

As técnicas mudaram, as máquinas avançaram, mas a fonte de toda a riqueza continua sendo a terra e o trabalhador. Então todo esse avanço na agricultura “moderna” significa mais um aumento na exploração do trabalhador e da terra. A terra vem sendo degradada com a utilização dos insumos químicos (adubos e agrotóxicos) do desmatamento e das queimadas entre outros, e a classe trabalhadora com a exploração e a opressão nos sistemas de produção no campo e na cidade (MOURA, 2021).

O conceito de metabolismo que se refere à interação entre os seres humanos e a natureza. Mas essa relação começa a ser modificada com o surgimento das relações capitalistas, baseadas no trabalho alienado que altera a relação entre homem e natureza convertendo o trabalho humano e a própria natureza em mercadoria. A natureza é vista, pela lógica capitalista, como a matéria-prima para todas suas mercadorias, provocando assim a ruptura metabólica dessa interação entre seres humanos e a natureza causando a destruição da natureza e a exploração do trabalho. O capitalismo talvez seja, dentre os modos de produção, o que mais agride a natureza e os seres humanos. Até agora deixou marcas profundas na terra e na classe trabalhadora. Tudo isso para buscar sempre mais e mais lucros a partir da mais-valia gerada nos sistemas de produção.

Em outras palavras, o capitalismo é fundamentalmente caracterizado pela alienação da natureza e por uma relação distorcida entre humanos e natureza. Nesse sentido, ele visualiza a ideia emancipatória de ‘humanismo=naturalismo’ como um projeto de restabelecer a unidade entre humanidade e natureza contra a alienação capitalista (SAITO, 2021, p. 24-25).

Analisado esse trecho do texto de Saito e trazendo para a realidade observamos que alienação da natureza está muito ligada a visão antropocêntrica, quando a natureza é considerada apenas para satisfazer os objetivos de lucros dos capitalistas ou também quando a terra é expropriada dos trabalhadores ou negada o seu acesso. Tudo isso contribui para o rompimento do metabolismo entre seres humanos e natureza.

No sistema de produção atual da sociedade não importa produzir o suficiente, mas é preponderante a produção de um excedente para a geração de lucros. Uma análise a partir da natureza e dos seus recursos mostra que os seres humanos, compelidos pela lógica do capital, extraem da natureza além de suas reais necessidades. Há um esgotamento dos recursos naturais para satisfazer e em enriquecer uma minoria formada pelos capitalistas. Em seu texto, Saito aborda que está claro para Marx a



dificuldade de caminhar juntos, o desenvolvimento econômico e a preservação/conservação da natureza.

Está claro que Marx, longe de ser otimista sobre o desenvolvimento capitalista sustentável em sua teoria do valor, critica a maneira como a mediação unilateral da interação metabólica entre humanos e natureza pelo trabalho abstrato esgota e devasta as forças do trabalho e da natureza. O principal problema das ecocrises capitalistas não é apenas que o capitalismo [...] em algum momento no futuro sofrerá com o aumento do preço e a falta de matérias-primas [...] o problema está na experiência subjetiva da alienação, o que garante que o modo de produção capitalista mine a base material para o desenvolvimento humano sustentável devido à ruptura metabólica. (SAITO, 2021, p 175).

Marx, e seu intérprete Saito, não nutrem nenhuma esperança por um capitalismo sustentável. O desenvolvimento econômico não é visto como sinal de melhora na qualidade de vida das populações e da natureza. O projeto comunista de Marx busca superar esse sistema que se mostra destrutivo à natureza e aos seres humanos (COCATO, 2021), um projeto fundamentado no ecossocialismo (SAITO, 2021).

Considerações finais

O conceito de ruptura metabólica, a partir da obra de Marx, possui, primeiro, o sentido de rompimento ao acesso à terra pela classe trabalhadora, decorrente principalmente do cercamento histórico de terras. Isso forçou os povos do campo a se deslocarem para as cidades. A interação entre seres humanos e natureza sofreu alterações com o advento do capitalismo, ou seja, essa ruptura metabólica é caracterizada pela alienação da natureza e por uma relação distorcida entre humanos e natureza no âmbito desse modo de produção.

Kohei Saito, a partir da análise das obras de Marx, defende que a alternativa de solução para superar essa ruptura do metabolismo socioecológico é provocando a mudança no sistema atual de base capitalista para o ecossocialismo. Saito sustenta que o ecossocialismo poderia suplantando a exploração/alienação no trabalho e as agressões ambientais, além de promover também uma desaceleração econômica e um movimento completamente oposto ao sistema vigente.

Referências

COCATO, Guilherme. O ecossocialismo de Karl Marx. **Boletim de Geografia**, v. 39, p. 1-5, 26 ago. 2021.

MARX, Karl. **O capital: crítica da economia política**. o processo de produção do capital. Livro I: São Paulo: Boitempo, 2017.



NOGUEIRA, Wesley. **O livro como uma força na História**: a bibliografia como fonte de informação e método de pesquisa. Ribeirão Preto, v. 7, n. esp., p. 152-164, ago. 2016.

VIANA, Nildo. Capitalismo e destruição ambiental. **Ateliê Geográfico**. Goiânia-GO, v. 10, n. 3, p. 179-192, dez. 2016.

SAITO, Kohei. **O ecossocialismo de Karl Marx**: capitalismo, natureza e a crítica inacabada à economia política. São Paulo: Boitempo, 2021.

SILVA, Moura. O ecossocialismo de Karl Marx: capitalismo, natureza e a crítica inacabada à economia política. **Germinal: marxismo e educação em debate**, Salvador, v.13, n.2, p.888-891, ago. 2021.